

# A objetividade na análise da religião, a partir da perspectiva da sociologia moderna

*Maria Cláudia Araujo*

*Jornalista graduada pela Universidade de Mogi das Cruzes  
Mestre em Literatura e Crítica Literária e Doutoranda em Ciências  
da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.*

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é delimitar as fronteiras que existem entre ciência e religião, a fim de esclarecer qual é a postura da sociologia diante de um objeto de investigação científica; bem como expor, paralelamente, alguns conceitos religiosos que exemplificam a variedade de concepções da natureza, de acordo com cada área de abordagem. A religião aqui escolhida para estabelecer diferenças e equivalências entre ciência e fé é o cristianismo, e o critério é que essa religião é também histórica, antes de ser concebida como dogmática. A metodologia dos pesquisadores, a epistemologia e a fenomenologia são tópicos importantes para elucidar as diferenças que existem entre os valores teológicos e científicos.

Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber são alguns dos principais sociólogos da ciência moderna e todos lançam um olhar objetivo sobre a realidade. Ocorre, porém, que a subjetividade também pode estar presente nas teorias de um cientista racional, seja implícita ou explicitamente. No caso de Karl Marx, essa subjetividade é explícita em relação à concepção religiosa do cristianismo. Assim, procuramos estabelecer a subjetividade como uma antítese à proposição inicial da objetividade, pois a imparcialidade, que deveria ser uma condição *sine qua non* na teoria de todo cientista, não é absoluta na postura de Marx.

Para sintetizar esse processo dialético aqui proposto, convém equiparar o papel da sociologia às ciências biológicas, bem como à astronomia, a fim de exemplificar o critério de objetividade de ambas as áreas, frente a questões de ordem religiosa e, simultaneamente, proporcionar uma breve reflexão sobre o conceito de causalidade no âmbito da ciência e da sociologia. A religião, como objeto de estudo teológico, é também um tópico de abordagem nesta pesquisa, além da elucidação dos principais conceitos científicos, do ponto de vista da Igreja Católica. Recorremos ainda a Albert Einstein, que aponta uma solução para o conflito que sempre existiu entre ciência e religião.

## AS FRONTEIRAS ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO

A religião é um fenômeno de investigação inesgotável que pode ser definido, em linhas gerais, como “uma instituição criada em torno da ideia de um ou vários seres sobrenaturais e de sua relação com os seres humanos.” (GLOBO, p. 289) O conceito de religião, sob uma perspectiva formal e acadêmica, é classificado em quatro elementos principais, de acordo com Frank Usarski:

*Primeiro*, religiões constituem *sistemas simbólicos* com plausibilidades próprias. *Segundo*, do ponto de vista de um indivíduo religioso, a religião caracteriza-se como a afirmação subjetiva de que existe algo transcendental, algo extra-empírico, algo maior, mais fundamental ou mais poderoso do que a esfera que nos é imediatamente acessível através do instrumentário sensorial humano. *Terceiro*, religiões se compõem de várias dimensões: particularmente temos de pensar na dimensão da fé, na dimensão institucional, na dimensão ritualística, na dimensão da experiência religiosa e na dimensão ética. *Quarto*, religiões cumprem funções

individuais e sociais. Elas dão sentido à vida, alimentam esperanças para o futuro próximo ou remoto, sentido esse que algumas vezes transcende o da vida atual, e com isso possui a potencialidade de compensar sofrimentos imediatos. (USARSKI, 2006, p. 125)

Usarski (2006, p. 125-126) observa ainda que as religiões podem ter funções políticas e possibilitam uma integração social, “uma vez que membros de determinada comunidade religiosa compartilham a mesma cosmovisão, seguem valores comuns e praticam sua fé em grupos.”

Segundo o IBGE, o cristianismo é e “continua sendo a religião com mais adeptos no mundo: cerca de um terço da humanidade. O restante está dividido entre religiões não-cristãs como o islamismo, o budismo e o hinduísmo.” (IBGE, 2010)

O alto índice de adesão à religião cristã — que tem como matriarca a Igreja Católica — é um dos motivos para que tantos sociólogos se desdobrem sobre o fenômeno<sup>1</sup> religioso. Entretanto, é válido considerar que a religião, como objeto de análise, não é concebida com o mesmo critério metodológico entre os pesquisadores, ainda que todos tenham o interesse comum de dissecar o objeto religioso.

A epistemologia<sup>2</sup> implica metodologia<sup>3</sup>, e do ponto de vista da ciência a religião é uma convenção social, uma vez que é matéria de fé, crença e experiência pessoal. Para o ser religioso, no entanto, essa experiência é metafísica, transcende as fronteiras da lógica e abre horizontes que muitas vezes a ciência limita, pelo fato de não poder quantificar ou provar, empiricamente, uma experiência mística, especialmente quando é interiorizada, até porquê o próprio fenômeno da consciência ainda é um mistério e jamais foi dissecado, completamente, pela neurociência.

O critério da ciência é a exatidão e o cálculo absolutamente racional, de modo que um cientista pode derrubar um argumento mitológico ao demonstrar, por exemplo, que o Sol não gira em torno da Terra, como supõe a astrologia. Ele pode afirmar ainda que Cristo não é Deus, mas uma figura humana deificada, e que os milagres realizados em seu nome são fenômenos míticos e não místicos; por outro lado, nem sempre um cético tem como argumentar ou explicar, persuasivamente, sobre as causas das curas integrais de pessoas que estavam condenadas à morte, pela própria medicina, mas que se recuperaram subitamente. Para o cientista, esses casos são e sempre serão julgados como meras anomalias ou exceções na história da ciência; para o ser religioso, porém, esses fatos são considerados milagres ou eventos paranormais, passíveis de uma investigação fenomenológica.

A fenomenologia<sup>4</sup> investiga e estuda as classes de elementos universalmente presentes em um fenômeno. Essa filosofia pós-kantiana surgiu no fim do século 19 e dá abertura para a hierofania<sup>5</sup> ou uma leitura religiosa da realidade. Edmund Husserl, o fundador deste movimento filosófico, teve por objetivo recuperar o significado autêntico do filosofar, a fim de descrever o fenômeno para atingir sua essência. Assim, esta linha de pensamento filosófico, comum entre os teólogos, pode investigar o misticismo religioso, ao contrário das ciências naturais cujo limite são as leis e os aspectos físicos do real. Com efeito, muitos cientistas reduzem a fenomenologia ao âmbito da mitologia,

pelo fato de as ciências naturais não terem por objeto de análise os eventos sobrenaturais e sim os dados da realidade objetiva.

A sociologia, bem como as ciências naturais — que se limitam a constatar e a quantificar os objetos de estudo —, não está interessada em decifrar símbolos, mas se contenta em descrevê-los. Na concepção dos sociólogos, a religião é observada como fenômeno cultural e sua essência não é mística, mas social.

Do ponto de vista do senso comum, a sociologia desmonta a religiosidade; mas faz-se necessário entender que essa ciência, assim como todas as outras, tem um papel importante no progresso e no desenvolvimento social de uma nação, pois a partir do momento em que é definida como imparcial e neutra, oferece caminhos para produzir conhecimentos de forma objetiva e democrática. A sociologia não nega o sagrado como quem prova a invalidade do fenômeno, mas simplesmente o retira de sua base de investigação, com o propósito de delimitar fronteiras. Para o sociólogo, a sacralidade é apenas um termo abstrato, e não uma substância como é para o cristão.

Do ponto de vista do cristianismo, o sagrado não é um valor imputado, mas um fenômeno autônomo, imensurável e inatingível em sua totalidade, por conta das limitações humanas. Por essa razão, sua aura mística passa a ser reconhecida e oficializada como um valor próprio que transcende o plano da imanência. Na ótica cristã, o sagrado não é apenas um produto teórico de reflexão — pois nem é passível de ser dissecado e quantificado —, mas sim um fenômeno divino que requer experiência constante, diária e ritualística. Para o cristão, não é o ser humano que funda o sagrado, mas é o sagrado que funda no interior ou na consciência do ser humano o conhecimento religioso, que não se limita à razão mas ultrapassa as fronteiras do real e demanda uma entrega plena ao Divino ou Infinito.

O cristão promove a vida em comunhão com seus semelhantes, conforme a vontade de Jesus Cristo, entretanto, o próprio Mestre deixou claro que a experiência religiosa é ainda peculiar e intransferível, uma vez que conecta o fiel com a divindade por meio de um mecanismo de alteridade e/ou singularidade. Para Jesus, o ser humano não é tão somente o membro de um clã ou de uma coletividade, como supõe a sociologia, mas também se difere das outras criaturas, a partir do momento em que tem importância para Deus como individualidade. Segundo Cristo, Deus tem o poder de penetrar no íntimo de cada ser humano, tornando-o único, conforme suas palavras no Evangelho: “Vosso Pai sabe do que necessitais, antes de lho pedirdes.” (Mateus 6: 8)

## A RELIGIÃO SOB A ÓTICA DA SOCIOLOGIA

Conforme já foi assinalado, a sociologia se condiciona a analisar o fenômeno social objetivamente, ou seja, é o objeto que determina o sujeito; ao contrário do subjetivismo, que ancora o conhecimento humano no sujeito. E ainda que os pensadores da Antiguidade já tenham vislumbrado interesses pela objetividade da ciência, os primeiros humanistas, engajados no progresso das experiências empíricas, surgiram apenas no século XV. No século XVI nasceu Galileu Galilei

(1564 - 1642), o fundador da ciência moderna, nos séculos XVII e XVIII, estabeleceu-se um sistema de pensamento racional e empírico, graças a Newton (1642 - 1727), que inspirou o movimento iluminista bem como o positivismo fundado por Augusto Comte (1798 - 1857).

Os pensadores da sociologia moderna como: Karl Marx (1818 - 1883), Émile Durkheim (1858 - 1917) e Max Weber (1864 - 1920) são herdeiros da objetividade fundada nas ciências modernas e suas teorias contribuíram, em muitos aspectos, para o desenvolvimento do progresso científico. Em contrapartida, faz-se necessário esclarecer que a teoria é um instrumento que se propõe a explicar a ocorrência de um fenômeno e nem todas são consideradas objetivas, corroboráveis ou inócuas, e podem apresentar variações, dependendo da postura do cientista. Karl Marx, por exemplo, expressa subjetividade quando se refere ao cristianismo, e sua postura subjetiva coloca em dúvida a veracidade e a objetividade de suas teorias.

Marx redigiu uma teoria revolucionária no Manifesto Comunista, que mais tarde passou a ser chamada de marxismo, convocou o proletariado à luta pelo socialismo, criticou o capitalismo e seu sistema de livre-empresa que, em sua concepção, promovia a alienação e a miséria da classe operária. Entretanto, quando propôs que os meios de produção social fossem coletivizados, suas teorias não se restringiram à reivindicação de um bem comum para todos, mas se transformaram também em um instrumento de ataque à Igreja Católica, como se ela fosse a responsável por todas as arbitrariedades cometidas pelo Estado. A subjetividade do sociólogo é evidente no seu discurso contra o cristianismo, publicado na Gazeta alemã de Bruxelas, em 1847:

Os princípios sociais do cristianismo justificaram a escravidão antiga, [...] pregam a necessidade de uma classe dominante e de uma classe oprimida [...]. Os princípios sociais do cristianismo declaram que todas as infâmias dos opressores em relação aos oprimidos são o justo castigo do pecado original e de outros pecados [...] Os princípios sociais do cristianismo pregam a fraqueza, o desprezo de si mesmo, o alvitamento, a servilidade, a humildade, em poucas palavras, todas as qualidades do canalha [...]. Os princípios sociais do cristianismo são princípios de hipócritas, e o proletariado é revolucionário. (HERVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009, p. 24)

A grande queixa de Marx ao cristianismo reside no argumento de que essa religião coloca no céu as recompensas do fiel, isto é, põe na vida eterna a esperança de fartura e prosperidade. Em contrapartida, Jesus não proclamou que o cristão estaria condenado a uma vida de misérias na Terra nem afirmou que suas recompensas se dariam apenas no céu, pois no Evangelho o Mestre multiplica os pães e os peixes, para uma multidão, e com este gesto simbólico exorta o fiel à prosperidade e afirma que seus seguidores hão de conquistar a fartura não apenas na vida eterna, mas “neste mundo e no mundo vindouro”. (Lucas 18, 30).

A opinião pessoal de Marx contra o cristianismo é explícita, na Gazeta Alemã de Bruxelas, ele rebaixou a religião, reduziu a nada o seu valor humanitário e expressou assim toda a sua subjetividade. O grande erro de Marx,

enquanto cientista, foi ter expressado parcialidade em suas teorias, pois deste modo anulou a objetividade da base da investigação científica e ignorou a qualidade pacífica do cristianismo, que aboliu muitas das práticas de violência pregadas pelo judaísmo, no Antigo Testamento.

É válido enfatizar que Marx não entendia absolutamente nada sobre a manifestação do sagrado, ou sobre o fenômeno religioso enquanto experiência pessoal ou mística, pois a partir do momento em que se posicionou como ateu, fechou-se para todas as possibilidades de investigação no plano da transcendência religiosa. Transcender, para o cristianismo, implica em dar abertura a uma experiência pessoal com o sagrado, a transcendência é ainda uma busca constante para o cristão e não se limita a dogmas estabelecidos — ainda que todas as religiões sejam embuídas de dogmas. Logo, apesar da validade de muitas das reflexões de Marx e de sua admirável luta pela libertação do proletariado, ele nunca foi um estudioso da fenomenologia, no âmbito da hierofania, mas sim um cientista tendencioso, que nem sempre expressa neutralidade ou objetividade em suas teorias sociológicas.

Émile Durkheim, que difundiu o termo sociologia, afirma que a realidade é autônoma, substancial, e passível de investigação e reprodução científica. Ele aboliu a ideia de que a religião é um sistema de crenças e a concebeu como uma multidão unida e, em sua concepção, todas as religiões são verdadeiras, legítimas e necessárias, partindo do princípio de que normalmente mantêm a sociedade em funcionamento e proporcionam harmonia ou ordem ao caos. Na concepção de Durkheim, a religião representa também a memória das comunidades, é sinônimo de conhecimento e não deveria ser vista apenas como fenômeno de transcendência.

Durkheim (1977, p. 25) disserta sobre a objetividade das ciências e afirma que “os fenômenos sociais são coisas e devem ser tratados como coisas.” Isto é, a sociologia não requer problematização filosófica, mas objetiva, pois para se fazer uma demonstração científica basta que os dados sejam constatados. Assim, os fenômenos são tratados como coisas, do mesmo modo que os fenômenos sociais são considerados em si mesmos e “destacados dos indivíduos conscientes que formulam representações a seu respeito”. Para o sociólogo, é necessário estudá-los de fora, no plano da exterioridade, pois é nesta qualidade que se apresentam aos sujeitos.

Dentre as muitas teorias elaboradas por Durkheim, destacam-se dois conceitos que dialogam com o Cristianismo: o de solidariedade mecânica e o de solidariedade orgânica. O primeiro se refere às sociedades primitivas e parte do princípio de que todas as pessoas são solidárias porque se julgam iguais. Esse conceito também está presente no cristianismo, que prega o amor ao próximo na mesma proporção que o ser humano deve amar a si mesmo. Contudo, nas sociedades arcaicas ou tribais, não existe a figura do indivíduo, como no Cristianismo, e o grupo determina uma visão de mundo unilateral, sem considerar as experiências individuais de cada pessoa, ao passo que, no Cristianismo, cada santo ou doutor da Igreja partilha com a comunidade uma experiência peculiar.

A comunidade tribal é considerada mecânica, uma vez que o xamã, por exemplo, raramente é especialista em um assunto, mas tão somente uma autoridade que regulamenta a conduta de uma sociedade coletiva. Para Rodrigues (2008),

a solidariedade mecânica exprime um direito repressivo. “O que a caracteriza é que ela é um sistema de segmentos homogêneos e semelhantes entre si.” (p. 90) Há quem diga que o cristianismo também é repressivo, pelo fato de se pautar em uma diretriz que requer disciplina, ordem, respeito e hierarquia, contudo, ainda que um cristão seja batizado enquanto criança, tem o livre-arbítrio de ser ou deixar de ser um fiel; já nas sociedades mecânicas e arcaicas essa opção não existe, pois cada pessoa nasce fadada a seguir determinada religião específica, por toda a vida, sem a liberdade de abdicação ou escolha.

A solidariedade orgânica é diferente da arcaica, pois é a que rege a sociedade moderna e pode ser entendida como complexa, pluralista e secularizada. No conceito de solidariedade orgânica, a culpa é individualizada; ao contrário da sociedade primitiva, que pode escolher um bode-expiatório para redimir toda uma tribo e expiar, deste modo, os crimes da coletividade. No cristianismo, Jesus também traz a redenção para a esfera do coletivo, a diferença fundamental é que Cristo quis fundar uma moral e deixar um exemplo de conduta para a humanidade.

A solidariedade orgânica apresenta poucas equivalências com o cristianismo, que ainda preza o conceito de união e vida em comunidade. Entretanto, os conceitos de individualidade e de livre-arbítrio também existem no cristianismo, na medida em que o fiel tem a liberdade de optar por um modo de conduta que não é único ou padronizado. Isto é, embora não exista total arbitrariedade de comportamento no Cristianismo, o fiel não é obrigado a viver o sacerdócio nem mesmo a se casar ou procriar, mas os faz por livre e espontânea vontade.

No conceito de solidariedade orgânica, ninguém tem a obrigação de olhar para a mesma direção, e esse é um dos motivos de não ser considerada religiosa, já que a religião oferece a oportunidade de comunhão, partilha de ideais e adesão à sacralidade. A solidariedade orgânica não é monolítica, mas profana no sentido de apartar ou promover o separatismo ideológico, já que cada pessoa é livre para exteriorizar sua adesão à fé, ao dogma ou ao ceticismo, e pode aderir tanto a uma religião pacífica quanto terrorista, ou pode ainda optar pelo ateísmo — o qual não deixa de ter também o seu grau de dogmatismo, já que o ateu é condicionado a crer no niilismo<sup>6</sup>.

As análises de Durkheim têm caráter sincrônico, apresentam recortes do real, mas também uma certa linearidade, uma vez que partem da simplicidade do objeto para, posteriormente, constatarem como se torna complexo. Isto é, os organismos ou elementos mais simples explicam os mais complexos — ao contrário do Materialismo Histórico proposto por Marx, cuja análise implica em partir de organismos complexos para entender os mais simples. Durkheim não questiona a moral das sociedades, como certas ou erradas, mas opta pela objetividade e isenção de valores.

Max Weber, tal como Durkheim, tem um olhar objetivo frente ao fenômeno religioso, entretanto, a objetividade para esse sociólogo tem também uma conotação que dá abertura aos valores intrínsecos do pesquisador, muito embora esses valores não sejam concebidos como tabus religiosos, mas como significados imputados no processo de pensamento racional, na seleção e na ordenação de ideias.

Weber discorda de Durkheim na abordagem do real, pois



Foto: Matín Toyé

para ele o objeto, ou a realidade, não são autônomos. Ele propõe um método de trabalho objetivo, baseado em um tipo ideal, isto é, uma criação mental ou um pensamento a respeito da realidade, mas que não se traduz como a expressão da realidade, e sim como um instrumento para conhecê-la. Na concepção de Weber, os fatos podem ser compreendidos inteligivelmente, desse modo, o tipo ideal é entendido como um modelo de laboratório, por exemplo: a água não é H<sub>2</sub>O, mas uma substância, contudo, para compreender sua essência, o cientista deve criar um tipo ideal, um modelo de laboratório, que é o H<sub>2</sub>O. O tipo ideal passa a ser então um fato histórico, um modelo mental instrumentalizado e que deve, necessariamente, funcionar na medida em que corresponde à realidade. O tipo ideal

não é uma hipótese, mas aponta caminhos para a hipótese. Weber adverte-nos:

Jamais devemos confundir o objeto real e o objeto de conhecimento: só apreendemos o primeiro por meio de uma construção, que é o trabalho específico do pesquisador, sempre passível de revisão e aperfeiçoamento, e diversos pontos de vista podem ser produzidos sobre um mesmo objeto. Além disso, a construção do tipo ideal como operação e estilização da realidade social para melhor compreendê-la não é [...] apenas característica da sociologia em geral, mas também do conjunto das ciências humanas. (HERVI EU-LÉGER, WILLAIME, 2009, p. 81).

Weber entende ainda que: “Não existe qualquer análise científica puramente objetiva da vida cultural” (p. 87) ou dos fenômenos sociais. (COHEN, p. 87) Desse modo, a ciência social limita-se a compreender a realidade da vida que a circunda, bem como da religião, não para saber se Deus está por trás dos fatos, mas sim porque os fenômenos sociais podem ser descritos, quantificados ou mensurados, de acordo com a metodologia do cientista social, que vai atribuir um valor ou um significado à sua pesquisa, normalmente vinculada à determinada cultura. Nota-se que a seleção do objeto de estudo já implica um juízo de valor por parte do cientista que irá ordenar as ideias. Para Weber: “O conceito de cultura é um conceito de valor.” (p. 92).

Na concepção de Weber, a objetividade do cientista não é comprometida se ele tem um juízo de valor próprio, desde que esse juízo não seja apresentado como uma imposição de ideias, mas sim como um sistema de pensamento verificável, válido, cujas conexões funcionem do ponto de vista da ciência. Weber não busca relações objetivas entre as coisas, mas conceituais:

O domínio do trabalho científico não tem por base as conexões objetivas entre as coisas mas as conexões conceituais entre os problemas. Só quando se estuda um novo problema, com o auxílio de um método novo, e se descobrem verdades que abrem novas e importantes perspectivas é que nasce uma nova ciência. (COHN, 2000, p. 84)

Para o Cristianismo, no entanto, as verdades não surgem apenas de métodos novos mas, antes, da própria corporificação do Divino que é o Cristo Histórico feito Realidade e Substância. Posteriormente, essa Verdade ou Realidade passou a ser então sistematizada e transformada também em conceitos, pela primeira instituição religiosa que regulamentou a religião cristã — no caso, a Igreja Católica. É válido observar que Cristo não diz que apresenta ou representa a verdade, mas afirma: “Eu sou a Verdade.” (João 14: 6) O real, portanto, tem uma dimensão corpórea, divina, e também conceitual para o cristão; ao passo que para a ciência a realidade assume uma conotação relacional e teórica, que independe do caráter de divindade. Para Weber, a apreensão da realidade é sempre fragmentária, de modo que quando o cientista expressa um conceito está expressando um fragmento da realidade. O cristão, embora conceba a Verdade como substância passível de conceitualização, tem também a plena ciência de que essa realidade é transcendente e inapreensível em sua totalidade.

## UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE CIÊNCIA E FÉ

A sociologia, bem como as ciências exatas ou naturais, não se interessa por investigar se há uma divindade responsável pela evolução dos homínidos ou se existe um Deus por trás do *Homo sapiens*. Um sociólogo se preocupa, especificamente, em compreender as leis que organizam a vida social e religiosa dos povos. A sociologia está interessada, sobretudo, em investigar quais são os mecanismos e as leis que geram as crenças políticas e religiosas das pessoas que vivem em sociedade.

Toda ciência supõe leis e “toda lei se define pelos seus efei-

tos, não por uma causa.” (DELEUZE, p. 15), logo, ainda que existam muitas modalidades no paradigma de causalidade, e embora a ciência clássica trabalhe com a lógica de causa e efeito, o que determina uma pesquisa, uma investigação científica ou sociológica, são as leis que regem o objeto e não as causas.

Em um plano distinto, é evidente que as ciências biológicas têm interesse em desvendar qual é a causa de uma doença incurável, mas pouco lhe importa investigar se essa doença tem uma causa externa à natureza, se um vírus foi disseminado por um laboratório ou se existe um demiurgo, criador do vírus, empenhado em castigar a humanidade. A postura do pesquisador das ciências biológicas não é necessariamente herética e sim neutra, imparcial, do mesmo modo que como é a da astronomia.

A astronomia jamais conseguiu decifrar ou provar o que existe ou o que não existe por trás do Big Bang — teoria proposta pelo padre e físico belga Georges Lemaître — mas se contenta em estudar as leis que regem esse fenômeno e ordenam os astros no universo. Nesse sentido, a astronomia está restrita à esfera da imanência e ignora totalmente a possibilidade de conceber o Sagrado como causa geradora do Big Bang, pois essa é uma preocupação específica dos teólogos. De acordo com Weber (1982): “Toda teologia representa uma racionalização intelectual da posse de valores sagrados.” (p. 106)

Como cientista porta voz da Igreja Católica, Felipe Aquino afirma que:

Os filósofos (e os teólogos) devem ser humildes, também eles devem escutar docilmente os cientistas quando estes lhes descrevem, segundo as grandes teorias incessantemente re-  
visionadas, as maravilhas de *como* do universo em expansão, da formação da crosta terrestre, da estrutura do átomo ou do funcionamento do cérebro. Contudo, não devem pecar por excesso de humildade, deixando aos cientistas o monopólio do *como*. (AQUINO, 2007, p. 277)

Segundo Aquino, determinadas perguntas ultrapassam, evidentemente, os dados da ciência. Portanto, por mais que a teoria do Big Bang, proposta pelo padre-cientista Georges Lemaître, e a Teoria da Evolução das Espécies, de Charles Darwin, sejam aceitas e endossadas pela Igreja Católica, o cristianismo não retira Deus da base da criação e da evolução, e esse é o principal ponto de divergência entre ciência e fé.

O Papa João Paulo II retomou e abonou a posição de Pio XII, levando-a um pouco mais adiante, e afirmou ainda que “a teoria da evolução é mais do que uma hipótese; visto o grande número de dados empíricos (fósseis, testemunhos da Genética e da Biologia), o papa admite a grande probabilidade da evolução. Falando para a academia Pontifícia de Ciências, em 25/10/1996, o Papa disse que a teoria da evolução foi corroborada pelos estudos científicos [...]. A igreja combateu o evolucionismo proposto por Charles Darwin e opôs-se ao darwinismo por ser uma doutrina mecanicista que afirma a evolução na base da “luta pela vida”, ao acaso, movido pela força bruta [...]. O que a Igreja rejeitou, e rejeita, no darwinismo, é esta perspectiva materialista, ateísta, que dispensa a ação de Deus. (AQUINO, 2007, p. 192-193)

A ciência e a religião reconhecem que uma experiência religiosa com Deus e/ou com o Sagrado pode ser considerada intrínseca, pessoal, não pode ser medida nem quantificada, e essa é a razão pela qual o conceito de transe não é acatado como objeto de pesquisa nem pode ser julgado pelas ciências exatas ou naturais. Um juízo implica reconhecimento da verdade de um pensamento ou proposição, com base em elementos analisáveis e corroboráveis, logo, se Deus não é aferível, tampouco pode ser experimentado em um laboratório nem mesmo é ajustável ou reduzível a nenhum tipo de padrão científico. Com efeito, as experiências que geram cálculos ou articulações em torno do fenômeno são de ordem teológica e não científica. Wittgenstein (1968) observou que “existe com certeza o indizível. Isto se mostra, é o que é místico.” (p. 129)

Einstein (s.d) redigiu o tratado sobre *Ciência e Religião*, no qual declara que “o método científico não nos pode ensinar outra coisa além do modo como os fatos se relacionam e são condicionados uns pelos outros”, isto é, “o conhecimento objetivo nos fornece poderosos instrumentos para atingir certos fins, mas a meta final em si é a mesma.” Desse modo, ainda que a ciência trabalhe com modelos temporariamente válidos e sempre ofereça possibilidades de superação, novos questionamentos e geração de teorias incipientes, a ciência não tem a pretensão de transcender a realidade empírica, ao contrário da religião, que extrapola as fronteiras da lógica e abre horizontes que muitas vezes a ciência limita, pelo fato de não poder quantificar ou provar, empiricamente, uma experiência mística, especialmente quando é interiorizada, até porque o próprio fenômeno da consciência ainda é um misté-

rio e jamais foi dissecado, completamente, pela neurociência.

Na concepção de Einstein (s.d) — que foi e ainda é um dos mais renomados cientistas da era contemporânea — ciência e religião são duas áreas distintas, porém, perfeitamente conciliáveis, desde que uma respeite os limites da outra. Para o cientista, ainda que os âmbitos da religião e da ciência sejam separados um do outro, “existem entre os dois fortes relações recíprocas e dependências. [...] A religião aprendeu com a ciência, no sentido mais amplo, que meios poderão contribuir para que se alcancem as metas que ela estabeleceu.” Para Einstein: “A ciência, porém, só pode ser criada por quem esteja plenamente imbuído da aspiração e verdade [...]. A fonte desse sentimento, no entanto, brota na esfera da religião”. Ele também explica o motivo dos conflitos entre religião e ciência:

Um conflito surge, por exemplo, quando uma comunidade religiosa insiste na absoluta veracidade de todos os relatos registrados na Bíblia. Isso significa uma intervenção da religião na esfera da ciência; é aí que se insere a luta da Igreja contra as doutrinas de Galileu e Darwin. Por outro lado, representantes da ciência tem constantemente tentado chegar a juízos fundamentais com respeito a valores e fins com base no método científico, pondo-se assim em oposição à religião. Todos esses conflitos nasceram de erros fatais. (EINSTEIN, s.d)

Conforme já foi dito anteriormente, o catolicismo — que foi a primeira religião que estabeleceu conceitos sobre o cristianismo, e que por essa razão detém o *status* de instituição fundadora e regulamentadora da filosofia cristã — não nega os benefícios das descobertas científicas, mas sim a exclusão de Deus da base da natureza. Outrossim, o esforço da Igreja em conciliar ciência em re-



ligião, nas cinco academias científicas do Vaticano, é bem maior do que supõem as aparências. Podemos afirmar, portanto, que o totalitarismo cristão, contra a ciência, não é uma disputa legítima por parte da Igreja, mas, antes, uma arbitrariedade cometida por seitas<sup>7</sup> que se autoproclamam cristãs, e que fundam discursos científicos e pseudo-verdades em torno das escrituras simbólicas do Antigo Testamento. Vale ressaltar que muitas dessas teorias bíblicas, tidas no passado como científicas, já foram revisadas pela própria Igreja Católica, a exemplo do mito criacionista de Adão e Eva, cujo conteúdo didático é mais poético e simbólico do que necessariamente factual.

O grande problema entre ciência e religião não reside nas diferenças que separam tais categorias, e sim na confusão de nomenclaturas decorrente do fato de alguns cientistas — leigos em aprofundamento fenomenológico — relegarem as crenças cristãs ao plano da mitologia, pois a concepção religiosa do cristianismo não é sinônimo de mito, ficção, fantasia ou imaginação; a religião é, antes e entre outras coisas, uma sistematização de experiências vividas e compiladas como extraordinárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, conclui-se que as fronteiras entre ciência e religião são necessárias, pois a objetividade não deve se fazer presente apenas no âmbito das ciências naturais ou exatas, mas também nas humanas. É válido considerar que a aceção religiosa do cristianismo é ampla e não se restringe aos dogmas da fé — que são apenas um dos aspectos da doutrina —, de modo que a epistemologia pode auxiliar as pesquisas fenomenológicas, sem limitar o objeto ao subjetivismo do pesquisador. A postura do cristianismo é transcendente, pois embora reconheça a grandeza inabarcável do Sagrado, continua investigando-o e revisando as disciplinas eclesásticas em seus concílios. Neste sentido, a Igreja tem uma postura volátil, flexível e equiparável à ciência, ainda que esta última esteja atrelada ao plano da imanência, visto que não se propõe a reconhecer o Sagrado como objeto de investigação transcendental.

A postura parcial de Marx, ao se referir ao cristianismo, pode ser entendida como uma discrepância metodológica que evidencia o mecanismo de oposição entre objetividade e subjetividade. Esse paradoxo promove o pensamento crítico, que desautomatiza o olhar e funda uma dialogia. A ciência positivista de Durkheim nos revela que o objeto é dado pela natureza e pode ser apreendido; ao passo que para Weber a apreensão total da realidade é impossível, uma vez que a inteligibilidade do real não é dada, mas atribuída. Desse modo, o critério de verdade do cristianismo — que concebe o real como um fenômeno autônomo e absoluto — está mais próximo das teorias de Durkheim, no que diz respeito à autonomia e à independência do objeto. Por outro lado, não deixa de dialogar também com as teorias de Weber, pelo fato de reconhecer que a apreensão total do objeto é impossível, mas tão somente abarcável em sua parcialidade. Eis o motivo de a Igreja estabelecer os dogmas e expressar, assim, a limitação do ser humano perante a grandeza de Deus e do Universo. Ciente de que não pode

comprovar o indizível, nem dissecá-lo em laboratório ou científicizá-lo, o dogma do cristianismo limita-se a convidar o ser humano a participar do mistério divino.

Constata-se, com base nas considerações de Einstein, em seu tratado sobre *Ciência e Religião*, que as ciências naturais, biológicas ou exatas, podem e devem entrar em harmonia com a religião, desde que uma respeite o limite da outra. Observa-se ainda que a derrocada dos mitos de criação, baseados em Adão e Eva, estão muito presentes nas seitas cristãs, por mais que o Catolicismo — religião matriarca do cristianismo — tenha endossado, através das declarações feitas pelo papa João Paulo II, os avanços da ciência. Esse papa legitimou o fenômeno do Big Bang, proposto pelo cientista e padre Georges Lemaître, e também a Teoria da Evolução, de Charles Darwin, muito embora não tenha retirado Deus da base da criação. Logo, instaura-se aqui um diálogo possível entre ciência e fé.

## NOTAS

1. Aparecimento, surgimento, a manifestação natural ou convencional de um fato ou evento na esfera da realidade objetiva.
2. A epistemologia estuda de maneira crítica os princípios, as hipóteses gerais, as conclusões das várias ciências para delas apreciar o valor e o alcance objetivo." (DUROZOI; ROUSSEL, 2005, p. 158)
3. A metodologia deve ser distinguida da epistemologia e seu "objeto é o estudo dos métodos ou procedimentos utilizados em geral numa disciplina. [...] Esse estudo, a posteriori, contenta-se em descrever os métodos que são praticados de fato, sem impor aos cientistas uma técnica de pesquisa." (DUROZOI; ROUSSEL, 2005, p. 324)
4. "Trata-se de voltar 'às próprias coisas' a fim de captar suas essências." (DUROZOI; ROUSSEL, 2005, p. 187)
5. Manifestação do sagrado. A hierofania suprema é, "para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo." (ELIADE, 2008, p. 17)
6. Doutrina segundo a qual Deus ou o absoluto não existem. (HERVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009, p. 81)
7. Def. 57: Um movimento de seita é uma organização religiosa desviante, com crenças e práticas tradicionais. (STARK, Rodney. BAINBRIDGE, Willian Sims.)

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Felipe. *Ciência e Fé em Harmonia*. São Paulo: Cleófas, 2007.
- COHN, Gabriel. *A Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais*. São Paulo: Ática, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Empirismo e Subjetividade*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- DUROZOI, Gérald; ROUSSEL, André. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Porto Editora, 2000.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. In: *O Problema da Objetividade das Ciências*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GLOBO, Editora. *Dicionário de Sociologia*. Rio de Janeiro: Globo, 1981.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e Religião*. São Paulo: Ideia e Letras, 2009.
- RODRIGUES, José Albertino. *Durkheim*. São Paulo: Ática, 2008.
- STARK, Rodney. BAINBRIDGE, Willian Sims. *Uma Teoria da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- WEBER, Max. *A ciência como vocação*. In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: LTC, 1982.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Lógico-Philosophicus*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.
- CD ROM: EINSTEIN, Albert. "Ciência e Religião". In: *Biblioteca Eletrônica*. Sonopress Rimo da Amazonia. [s.d.] Vol. III, CR ROM.
- INTERNET: <http://www.ibge.gov.br>